

“Guardiões do arbítrio divino”

Shima Baughman

Professora na BYU Law e Membro Distinto do Wheatley Institute

Nasci no Irã e cresci falando persa. Quando minha família se mudou para os Estados Unidos, eu tinha sete anos e não falava inglês. Antes de ir para a escola, meus pais me ensinaram duas palavras: sim e não. Lembro-me de ir à escola tentando lembrar cuidadosamente essas novas palavras e de minha professora me instruindo rapidamente sobre o que fazer. Enquanto ela me olhava esperando uma resposta, pensei: qual dessas duas palavras eu deveria dizer agora? Muitas vezes eu dizia a palavra errada sem querer, e minha escolha tinha consequências desagradáveis. Essa experiência me faz lembrar de uma escolha extraordinária que todos nós fizemos antes de nascer.

Antes de virmos para a Terra, o Pai Celestial convocou um Grande Conselho no Céu para apresentar Seu plano para nossa salvação e exaltação. Aprendemos nesse conselho que o Pai Celestial queria que viéssemos à Terra para receber um corpo e aprender a nos tornar mais semelhantes a Ele.

Lúcifer se rebelou contra Deus e proclamou que poderia salvar a todos. O élder Larry R. Lawrence ensinou que Lúcifer pode ter tentado nos convencer com argumentos como “É impossível voltar limpo”. “O risco é demasiado grande.” “Como você sabe que pode confiar em Jesus Cristo?” Lúcifer queria tirar nossa liberdade de escolha.

O Pai Celestial escolheu Jesus Cristo para ser nosso Salvador e Redentor. Ele se ofereceu para nos ajudar a voltar por meio de um grande sacrifício, que poderíamos escolher livremente aceitar. Cristo se ofereceu para sofrer por nós no Getsêmani e na cruz — dando-nos a oportunidade de voltar à presença de Deus. Jesus queria proteger nossa liberdade de escolha — o que significava que alguns de nós não escolheriam voltar a viver com nossos Pais Celestiais.

Deus escolheu Jesus como nosso Salvador; Ele queria que tivéssemos arbítrio. Nosso Pai Celestial queria que pudéssemos escolher voltar e não sermos forçados a isso. Depois, tivemos que fazer uma escolha. Podíamos escolher Jesus ou Lúcifer.

Um terço de nossos irmãos espirituais ficou do lado de Lúcifer e partiu, nunca recebendo um corpo. Em vez disso, eles vieram para a Terra, onde Lúcifer se tornou Satanás e, com esses espíritos perdidos, trabalha para tirar nosso arbítrio. Até agora, eles acumularam “milhares de anos de experiência” enganando, tentando e procurando destruir o restante de nós. Aprendemos em O Livro de Mórmon, Outro Testamento de Jesus Cristo, que Satanás usa “combinações secretas (...) para acabar com a liberdade de todas as terras[,]” pois isso contradiz os “mandamentos de Deus”, para que as leis proibam crenças religiosas.

Antes de minha família imigrar para os Estados Unidos, minha mãe era uma ativista política que lutava pela liberdade em seu país. Seu governo não lhe permitia a liberdade de adorar a Deus ou falar livremente. Um dia, militares entraram em nossa casa e a prenderam enquanto eu estava sentada em seu colo. Ela ficou presa por dois anos e meio por lutar pela liberdade. Pouco tempo depois de ser libertada, minha família deixou o Irã e se mudou para a Califórnia para que meu pai pudesse fazer pesquisas médicas.

Na Califórnia, meu pai conheceu uma enfermeira chamada Maryam. Maryam teve a inspiração de falar com meu pai sobre a igreja à qual pertencia e corajosamente convidou nossa família para a festa de Natal de sua igreja. Foi assim que minha família encontrou Jesus Cristo.

Embora, quando criança, ao me mudar para os Estados Unidos, eu tenha apreciado as diferentes variedades de doces e batatas fritas que agora estavam disponíveis para mim, o maior presente da minha mudança para a América foi a possibilidade de conhecer meu Salvador, Jesus Cristo. Minha mãe orou para que Deus a conduzisse a uma religião que a aproximasse Dele, e Ele a guiou para A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Por meio de milagres, minha família se filiou à Igreja e, com base nessa decisão, pude permanecer nos Estados Unidos para praticar minha fé livremente. Nunca é demais ressaltar a gratidão que tenho por minha liberdade de adorar a Deus “de acordo com os ditames de minha própria consciência”. Minha maior alegria foi a oportunidade que tive de me filiar à Igreja de Jesus Cristo.

Graças à coragem de uma mulher de compartilhar sua preciosa fé, fui selada à minha família no templo sagrado de Deus. Tenho cinco filhos que conhecem Jesus Cristo, e sou abençoada pelo poder do sacerdócio de Deus em nosso lar. Também tenho a bênção de lecionar na BYU e estudar como a religião muda o coração das pessoas, ajudando-as a abandonar a vida de crimes e drogas.

Minhas decisões de ser batizada e de fazer convênios sagrados em Seu templo não foram a primeira vez que escolhi seguir Jesus Cristo. E se você se filiou à Igreja de Jesus Cristo, você também O escolheu antes.

A batalha no céu foi uma “guerra de ideias antagônicas” em que “Satanás procurou destruir nosso arbítrio”. E terminou em pesar, pois o céu “chorou” depois de perder tantas almas. Qualquer um de nós, pais terrenos com filhos que se afastaram da fé, conhece a dor de ver nossos entes queridos seguirem caminhos sombrios. Deus provavelmente sentiu uma tristeza que não podemos compreender ao perder tantos filhos de uma só vez. Deus não proibiu que um terço de Seus filhos partisse. Ele permitiu que eles se afastassem da única alegria eterna que pode existir: um relacionamento de aliança com Ele e Seu Filho.

Deus nos ama tanto que nos deu o dom da liberdade. Deu-nos a capacidade de escolhê-Lo. E de escolher a Jesus. Ele perdeu muitos de Seus filhos porque nos ofereceu o arbítrio. Aprendemos por meio dessa decisão agonizante que Deus não quer que nenhum de nós seja forçado a escolhê-Lo. Embora Deus “tenha todo o poder, toda a sabedoria e todo o entendimento”, Ele reina sobre tudo, e nada é “impossível” para Ele — Ele não usou e não usa Seu poder para nos impedir de escolher outros caminhos. De fato, Deus quer que obedeçamos porque O amamos e confiamos Nele, não porque somos obrigados ou porque O tememos.

E a batalha pelo arbítrio, na base da fé, está ocorrendo aqui na Terra agora. “Acreditamos que a religião foi instituída por Deus; e que os homens [e as mulheres] são responsáveis por exercê-la perante Ele, e somente perante Ele(...)”. Satanás continua espalhando falsidades sobre a liberdade de poder escolher a religião. De fato, há lugares onde algumas religiões são proibidas ou seu exercício é bastante limitado, onde as leis proíbem a mudança de crença, a adoração em um prédio de igreja não é uma opção e onde as pessoas são presas por lerem as escrituras sagradas. Observei que em países onde uma religião imposta pelo governo é aplicada, punindo as pessoas por não jejuarem ou não se vestirem com recato, as pessoas geralmente se revoltam com a fé em vez de escolhê-la. Mesmo onde existe liberdade para compartilhar a fé, Satanás fará com que as pessoas tenham medo de prestar seu testemunho para os outros em situações em que pontos de vista seculares contrários são compartilhados livremente. Satanás quer que sintamos vergonha de reconhecer a Deus publicamente ou de orar onde outras pessoas possam estar presentes.

Nunca senti o Espírito Santo de forma tão intensa como advogada do que quando viajei para uma prisão federal em Nova York para representar meu cliente encarcerado que não conseguia orar de acordo com os ditames de sua fé. Lá estava eu: um membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias representando um rabino judeu ortodoxo que foi impedido de orar em obediência à lei judaica. De acordo com o Talmud, é proibido orar em uma cela de prisão, pois ela é considerada impura, já que há um vaso sanitário em cada cela que não é separado da área de estar. Nosso cliente pediu aos funcionários da prisão que o levassem a um local limpo para orar todas as manhãs e isso lhe foi negado, contrariando os mandatos constitucionais que deveriam ter protegido seu direito de

orar. Embora às vezes eu me preocupasse com os recursos financeiros que dedicávamos a um cliente que não pagava nada por nossos serviços jurídicos e com as três horas de viagem que cada consulta exigia, senti o Espírito me testificar claramente que qualquer tempo que eu gastasse para ajudar um homem encarcerado de outra fé era tempo gasto usando minhas habilidades jurídicas para fazer a obra de Deus. Eu estava ajudando um irmão a adorar a Deus, e senti que Ele estava satisfeito com isso. Devido às leis existentes que protegiam o livre exercício da religião, o caso foi bem-sucedido, e nosso cliente finalmente foi autorizado a orar fora de sua cela.

Como discípulos de Jesus Cristo, podemos ser defensores da liberdade religiosa. O presidente Dallin H. Oaks nos instruiu a unir forças com outras pessoas de fé quando houver desafios à nossa liberdade religiosa. Não precisamos concordar com nossos irmãos e irmãs de diferentes religiões em tudo, mas como instruiu o élder Ahmad S. Corbitt, dos setenta, “[Deus] prefere que as diferenças inevitáveis entre Seus filhos díspares sejam resolvidas de forma amigável”.

Alguns de vocês vivem em lugares onde não podem compartilhar sua fé livremente sem repercussões negativas. Às vezes, tudo o que podemos fazer é orar por uma mudança na política ou no governo para permitir que as pessoas adorem livremente. Nessas circunstâncias, você pode viver silenciosamente seus convênios e permitir que as pessoas ao seu redor vejam sua alegria e, por meio de sua luz, sejam conduzidas ao Salvador.

Mas muitos de vocês vivem em países onde são livres para adorar, para proclamar seu amor a Deus e ao Salvador e para praticar seus convênios livremente. Para aqueles de nós que compõem esse número, podemos seguir a admoestação do Salvador de amar a Deus de todo o coração, alma, mente e força — com cada palavra que dissermos e cada ação que realizarmos em público ou em particular. Podemos amá-Lo plena e abertamente e falar com ousadia de nossa fé e da fonte suprema de toda a nossa felicidade.

Alguns de vocês viajam mais de uma hora a pé para adorar a Deus na igreja todos os domingos, como alguns de meus amigos faziam quando eu morava em Malauí. Alguns de vocês se sacrificam financeiramente e abrem mão de entretenimento ou até mesmo de alguns itens essenciais para escolher Jesus Cristo a cada semana. Sei que Deus se deleita com sua devoção e se alegra quando vocês continuam a renovar seus convênios com Ele. Nossa decisão de ir à igreja nos abençoa imensamente.

Quando minha família se mudou para os Estados Unidos, meus pais trocaram uma vida confortável por outra em que tínhamos liberdade, mas muito pouco dinheiro ou posses. Lembro-me de dirigir com meus pais em um determinado momento, procurando colchões velhos descartados na beira da estrada para dormir, pois não tínhamos móveis. Nunca me esquecerei de um Natal em que uma irmã da igreja foi à nossa casa e percebeu que não tínhamos uma árvore de Natal nem presentes. Como nunca havíamos celebrado o Natal antes de nos filiar-mos à Igreja, não entendíamos nada sobre essa tradição. Alguns dias antes do Natal, bateram à nossa porta e lá estavam os membros da comunidade de nossa igreja que haviam trazido uma árvore de Natal com luzes e enfeites feitos à mão, comida e presentes para todos nós. Jamais esquecerei o amor cristão de nossa família da ala que “[abriu] os braços para os necessitados sem esperar recompensa”, como o élder Ronald A. Rasband descreveu os membros da Igreja que cuidam daqueles que têm muito pouco. Foi e continua sendo uma bênção em minha vida ser servida e servir meus irmãos e irmãs na Igreja.

Pesquisas acadêmicas do Wheatley Institute e de outros demonstram que, em todo o mundo, as pessoas que frequentam regularmente a igreja são mais caridosas, têm maior autoestima, são mais felizes e, de modo geral, têm mais saúde física e bem-estar emocional do que as pessoas sem religião. Pesquisas de Harvard demonstram que as pessoas religiosas se beneficiam de um risco menor de depressão, ansiedade, suicídio e redução de doenças cardíacas e morte por câncer. As pessoas que professam uma fé têm casamentos mais fortes, vivem mais, têm mais filhos e se sentem menos solitárias.

Há também um aprendizado inestimável que ganhamos com a participação na igreja. Aprendemos a conviver e a amar outras pessoas que são diferentes de nós; aprendemos a ser pacientes, a perdoar e a crescer espiritualmente para nos tornarmos pessoas melhores. Minha parte favorita de ir à igreja é fortalecer meu relacionamento com o Salvador e sentir a paz exclusiva que vem de Alguém que entende todas as nossas dores, nossas fraquezas e nos ama infalivelmente, apesar de nossos “pecados favoritos”.

Nosso profeta, o presidente Russell M. Nelson, pediu que estudássemos a Expição do Salvador Jesus Cristo todas as semanas pelo resto da vida. Ao refletir sobre o amor que Jesus Cristo tem por nós, sinto que é algo incompreensível. É imensurável. O idioma que eu aprendi desde criança, o persa, pode ser muito dramático. Por exemplo, quando estiver falando com seu cônjuge, em vez de dizer “meu querido” ou “minha querida”, você dirá “joon”, que em tradução literal significa “meu coração, minha alma e meu ser”. Ou, se estiver tentando demonstrar seu amor pela sua sobrinha fofa, você diria “jigareto bokhoram”, que traduzido diretamente significa “vou comer seu fígado”.

Nesse contexto, há outra frase que é muito bonita, que é “fadayet beram”. É uma frase comumente usada para expressar amor a um amigo querido ou a um membro da família. Em tradução literal significa: “Eu me sacrificaria por você”. Embora essa seja uma bela maneira de expressar um profundo amor por alguém próximo a você, a maioria das pessoas não se sentiria assim em relação a um estranho. Essa frase pode parecer exagerada entre pessoas comuns, mas ela não é exagerada quando se trata de nosso eterno Salvador.

Jesus Cristo estava disposto a sacrificar Seu próprio corpo, Sua própria vida, Sua própria vontade, para que cada um de nós pudesse ser salvo e retornasse ao céu para ser exaltado com nossos Pais Celestiais. Ele não apenas se dispôs a oferecer Seu corpo por nós, como também se submeteu ao tormento físico, sendo açoitado, usando uma coroa de espinhos e, por fim, morrendo de uma das formas mais dolorosas e cruéis que o ser humano já inventou. Tudo isso Ele fez porque nenhum de nós é um estranho para Ele. E, mesmo com a dor que sofreu e o sangue que brotou de cada um de Seus poros, Ele recua e nos dá a liberdade de escolhê-Lo. Ele nunca nos força. Nunca nos compele. Não fica ressentido quando nos afastamos, apenas sente uma tristeza divina.

Ao estudarmos a expiação de Cristo, podemos nos lembrar de que, quando Cristo se apresentou como nosso Salvador antes de virmos para a Terra, Ele o fez em parte para proteger nossa liberdade de escolhê-Lo. Antes de se tornar nosso amado libertador e redentor, e “autor e consumidor de nossa fé”, Ele era o guardião de nosso arbítrio. Ele fez isso para que pudéssemos ser livres para escolhê-Lo: para que desfrutássemos da luz e da segurança de andar de mãos dadas com Ele durante toda a vida ou de sentir o desespero de sermos envolvidos pelas cordas de Satanás que, fio a fio, nos prendem para sofrer em trevas sem fim. O amor perfeito de Jesus Cristo inclui Sua proteção ao nosso arbítrio divino e, como Seus seguidores, podemos ser guardiões desse arbítrio, permitindo que outras pessoas tenham essa liberdade inviolável que Ele tanto lutou para proteger. Que possamos proteger a liberdade de religião para todos, mesmo para aqueles que não escolhem exercer fé. E que possamos valorizar nossa decisão de ter escolhido nosso Libertador, Jesus Cristo, antes da mortalidade, e continuar a escolhê-Lo hoje, amanhã e sempre, eu oro em Seu amado nome, amém.